

### 3ª Série / Vestibular

## PORTUGUÊS

#### TEXTO I

Em linhas gerais a arquitetura brasileira sempre conservou a boa tradição da arquitetura portuguesa. De Portugal, desde o descobrimento do Brasil, vieram para aqui os fundamentos típicos da arquitetura colonial. Não se verificou, todavia, uma transplantação integral de gosto e de estilo, porque as novas condições de vida em clima e terras diferentes

impuseram adaptações e mesmo improvisações que acabariam por dar à do Brasil uma feição um tanto diferente da arquitetura genuinamente portuguesa ou de feição portuguesa. E como arquitetura portuguesa, nesse caso, cumpre reconhecer a de característica ou de estilo barroco.

É realmente a partir de fins do século XVI, século da descoberta do Brasil, que Portugal cuida de melhores alicerces, mesmo em sentido mais amplo, para a colonização nas terras tropicais de que ia se apossando. Por isso não será exagero admitir-se que a pedra fundamental da arquitetura brasileira tem moldes militares: a fortaleza ou praça forte.

E esses moldes, (...) desdobrados depois em arquiteturas civil e religiosa, trazem, pela data, o império do mundo barroco. É pois sob o signo barroco que a arquitetura de origem portuguesa se implanta no Brasil, e com o tempo se acresce de elementos e características que as novas terras ditam por efeito de condições de vida, de clima, de técnica de trabalho, de condição social, do material nela empregado.

O português não se poderia preocupar, a princípio, com os problemas estéticos da arquitetura. Preocupavam-no os de habitação. Qualquer habitação, para a qual os rigores da arquitetura, como arte, ainda não se podiam contar. O critério, porém, que ele adotou para a solução desses problemas foi antes empírico e instintivo, ao sabor das circunstâncias. As cidades se elevaram de preferência onde os fatos históricos, onde as promessas de riqueza e a boa segurança impunham que elas se erigissem.

Os exemplos que ficaram até hoje dessa arquitetura inicial são

30 pouco numerosos e pouco significativos. Esporádicos por efeito do tempo, ainda incerto, e por efeito do espaço, ainda não conquistado segura e definitivamente. E não podia guardar essa arquitetura dos primeiros tempos aquela marca ou distinção que viria, nos séculos seguintes, definir o barroco brasileiro que se convencionou chamar "estilo colonial",

35 O marco desse estilo típico está, portanto, nos fins do século dezesseis e começos do seguinte, Não é decerto um estilo sem variantes, sem descontinuidade, como uma unidade indivisível. Espalhado pelas povoações, vilas, cidades (...) sem meios de comunicação regulares e eficientes, aqui e ali, forçosamente, haveriam de aparecer traços diferenciadores de gostos e particularidades que os meios diversos impunham e a própria moda, alterada no Reino, ditava a cada passo. Mas eram traços, apenas traços que não afetariam as fontes genuínas herdadas do país colonizador.

*(Luís Jardim. Arquitetura brasileira. Cultura, 5:7-8, 1952.)*

01. Assinale a afirmativa que não se aplica à arquitetura que os portugueses implantaram no Brasil no século do descobrimento:

- (A) Concretiza-se, primeiramente, em obras de natureza militar.
- (B) Estava mais voltada para fins utilitários do que artísticos.
- (C) Enriqueceu-se, com o tempo, de características impostas pela própria realidade da terra.
- (D) Traz em suas formas marcas do estilo barroco.
- (E) Foi, de começo, mera cópia de arquitetura portuguesa do século XVI.

- 02.** O texto não contém:
- (A) referência ao estilo arquitetônico predominante no século XVI;
  - (B) a informação de que a arquitetura colonial brasileira tem raízes portuguesas;
  - (C) o registro de alguns fatores que determinaram o aparecimento das primeiras cidades brasileiras;
  - (D) a descrição das várias fases da nossa arquitetura, desde as suas origens do século XVI;
  - (E) notícia de que a arquitetura barroca brasileira apresenta certa variação de formas.

**03.** Assinale a opção em que não se substituiu devidamente uma expressão do texto por outra de sentido equivalente:

- (A) arquitetura genuinamente portuguesa (linhas 7/8) = arquitetura tipicamente portuguesa;
- (B) pela data (linha 16) = de acordo com a data;
- (C) por efeito de condições de vida (linha 19) = em decorrência de condições de vida;
- (D) ao sabor das circunstâncias (linhas 25/26) = conforme as circunstâncias;
- (E) não é um estilo sem descontinuidade (linhas 37/38) = é um estilo com continuidade.

**04.** Assinale a opção em que os dois enunciados não querem dizer fundamentalmente a mesma coisa:

- (A) desde o descobrimento do Brasil / a partir da descoberta do Brasil;
- (B) regiões de que ia se apossando / regiões das quais ia se apossando;
- (C) estabelecer melhores alicerces / estabelecer melhor os alicerces;
- (D) as arquiteturas civil e religiosa / a arquitetura civil e a religiosa;
- (E) critério que ele adotou / critério que foi por ele adotado.

## TEXTO II

A Lua era magnífica. No morro, entre o céu e a planície, a alma menos audaciosa era capaz de ir contra um exército inimigo, e destruí-lo. Vede o que não seria com este exército amigo. Estavam no jardim. Sofia enfiara o braço no dele, para ir ver a lua. Convidara Dona Tonica, mas a pobre dama respondeu que tinha um pé dormente, que já ia, e não foi.

05 Os dous ficaram calados algum tempo. Pelas janelas abertas viam-se as outras pessoas conversando e até os homens, que tinham acabado o voltarete. O jardim era pequeno; mas a voz humana tem todas as notas, e os dous podiam dizer poemas sem ser ouvidos.

10 Rubião lembrou-se de uma comparação velha, mui velha, apanhada em não sei que décima de 1850, ou qualquer outra página em prosa de todos os tempos. Chamou aos olhos de Sofia as estrelas da terra, e às estrelas os olhos do céu. Tudo isso baixinho e trêmulo.

15 Sofia ficou pasmada. De súbito endireitou o corpo, que até ali viera pesando no braço do Rubião. Estava tão acostumada à timidez do homem... Estrelas? Olhos? Quis dizer que não caçoasse com ela, mas não achou como dar forma à resposta, sem rejeitar uma convicção que também era sua, ou então sem animá-lo a ir adiante. Daí um longo silêncio.

20 – Com uma diferença, continuou Rubião. As estrelas são ainda menos lindas que os seus olhos, e afinal nem sei mesmo o que elas sejam; Deus, que as pôs tão alto, é porque não poderão ser vistas de perto sem perder muito da formosura... Mas os seus olhos, não; estão aqui, ao pé de mim, grandes, luminosos, mais luminosos que o céu...

25 Loquaz, destemido, Rubião parecia totalmente outro. Não parou ali; falou ainda muito, mas não deixou o mesmo círculo de idéias. Tinha poucas; e a situação, apesar da repentina mudança do homem, tendia antes a cerceá-las, que a inspirar-lhe novas. Sofia é que não sabia que fizesse. Trouxera no colo um pombinho, manso e quieto, e sai-lhe um

30 gavião, – um gavião adunco e faminto.

Era preciso responder, fazê-lo parar, dizer que ia por onde ela não queria ir, e tudo isso, sem que ele se zangasse, sem que se fosse embora... Sofia procurava alguma cousa; não achava, porque esbarrava na questão, para ela insolúvel, se era melhor mostrar que entendia, ou que não entendia. Aqui lembraram-lhe os próprios gestos dela, as palavrinhas doces, as atenções particulares; concluía que, em tal situação, não podia ignorar o sentido das finezas do homem. Mas confessar que entendia, e não despedi-lo de casa; eis aí o ponto melindroso.

(Machado de Assis, Quincas Borba. In: *Obra Completa*, vol. I, RJ: José Aguilar Ltda., 1962, p. 669-670).

**05.** O texto de Machado de Assis é literário, entre outras razões, pela presença da conotação. Aponte a única opção onde não se grifa uma palavra empregada conotativamente, em passagem extraída do texto:

- (A) "Vede o que não seria com este exército amigo." (l. 3)
- (B) "Chamou aos olhos de Sofia as estrelas da terra..." (l. 13)
- (C) "...e às estrelas os olhos do céu." (l.13/14)
- (D) "Trouxera no colo um pombinho, manso e quieto, e sai-lhe um gavião..." (l. 29 /30)
- (E) "Aqui lembraram-lhe os próprios gestos dela, as palavrinhas doces..." (l. 35/36)

**06.** Assinale a opção onde se faz um comentário indevido a respeito de fato de linguagem extraído do primeiro parágrafo do texto II:

- (A) Ao dizermos que a palavra "magnífica", utilizada no primeiro período, é um adjetivo funcionando como predicativo, estamos no campo da Morfossintaxe.
- (B) Quando afirmamos que a palavra "morro" possui mais letras do que fonemas, essa observação é de ordem fonética.
- (C) Ao reconhecermos que "pobre dama" não é a mesma coisa que "dama pobre", fazemos um comentário de ordem semântica e estilística.
- (D) Quando dizemos que o verbo "ir", nas duas ocorrências do último período, não possui complemento, é intransitivo, a explicação é do âmbito sintático.
- (E) Ao identificarmos um sufixo (-osa) na palavra "audaciosa", estamos fazendo uma observação do campo da Sintaxe.

**07.** Qual dos itens abaixo não condiz com o perfil da personagem Sofia?

- (A) Indecisão quanto à atitude a ser tomada diante da situação embaraçosa.
- (B) Dubiedade no tratamento dispensado a Rubião.
- (C) Sentimentalismo decorrente da idealização da figura feminina.
- (D) Comportamento cauteloso diante do arrebatamento apaixonado de Rubião.
- (E) Raciocínio investigativo, analítico.

**08.** "Estrelas? Olhos?" (linha 17). As perguntas são de Sofia que, espantada diante do procedimento de Rubião, tem seu pensamento revelado. Este procedimento do narrador também acontece na passagem:

- (A) "Sofia ficou pasmada." (linha 15)
- (B) "Sofia é que não sabia que fizesse." (linhas 28/29)
- (C) "De súbito, endireitou o corpo, que até ali viera pesando no braço de Rubião." (linhas 15/16)
- (D) "Sofia enfiara o braço no dele, para ir ver a lua." (linha 4)
- (E) "Era preciso responder, fazê-lo parar..." (linha 31)

09. “...mas a pobre dama respondeu que tinha um pé dormente, que já ia, e não foi.” (linhas 5/6)

Considerado o valor significativo da oração grifada em relação ao que a antecede, só não poderíamos substituí-la, sem quebra do sentido, por:

- (A) ...mas não foi. (D) ...portanto não foi.  
(B) ...porém não foi. (E) ...entretanto não foi.  
(C) ...contudo não foi.

10. “Chamou aos olhos de Sofia as estrelas da terra, e às estrelas os olhos do céu.” (linhas 13/14)

Este trecho diz que:

- (A) Rubião chamou as estrelas da terra para enfeitarem os olhos de Sofia.  
(B) Rubião comparou os olhos de Sofia com as estrelas do céu.  
(C) Rubião levou Sofia a admirar as estrelas, os olhos do céu.  
(D) Rubião e Sofia admiravam, juntos, as estrelas do céu.  
(E) Rubião achava que os olhos de Sofia eram os olhos do céu.

### Texto III

## O VIAJANTE

(Compositor Desconhecido)

Eu me sinto um tolo  
Como um viajante  
Pela sua casa  
Pássaro sem asa  
05 Rei da covardia  
E se aguardo tanto  
Essas emoções  
Nessa caldeira fria  
É que arde o medo  
10 Onde o amor ardia  
Mansidão no peito  
Trazendo o respeito  
Que eu queria tanto  
Derrubar de vez  
15 Pra ser eu talvez  
Pra ser eu talvez  
Mas o viajante  
É talvez covarde  
Ou talvez seja tarde  
20 Pra mostrar que arde  
Com maior ardor  
A paixão contida  
Retraída e nua  
Correndo na sala  
25 Ao te ver deitada  
Ao te ver calada  
Ao te ver no ar  
Talvez esperando  
Desse viajante  
30 Algo que ele espera  
Também receber  
Pra quebrar as cercas  
Com que insistimos  
Em nos defender

11. O texto III, notoriamente, caracteriza-se por ser literário. Assinale a opção que **não** corrobora tal classificação:

- (A) Presença de figuras de linguagem.  
(B) Visão subjetiva da realidade.  
(C) Predomínio da linguagem conotativa.  
(D) Predomínio da visão pragmática da realidade.  
(E) Presença de sentimentos e emoções.

12. Os dois primeiros versos do poema configuram um recurso estilístico chamado de:

- (A) comparação;  
(B) metáfora;  
(C) metonímia;  
(D) hipérbole;  
(E) antítese.

13. Se afirmarmos que a preposição **sem** (v.4) assume valor de ausência, estaremos fazendo um comentário de natureza:

- (A) fonética; (D) morfológica;  
(B) sintática; (E) morfossintática.  
(C) semântica;

14. O verso, “Pássaro sem asa” revela um nítido valor:

- (A) de redundância; (D) pejorativo;  
(B) paradoxal; (E) de ambigüidade.  
(C) de ironia;

15. Ainda em relação aos diversos recursos literários presentes na letra da música “O Viajante”, podemos afirmar que, entre os versos 22, 23 e 24, temos uma figura chamada de:

- (A) hipérbole; (D) metáfora;  
(B) ironia; (E) catacrese.  
(C) personificação;

### Texto IV

1%

O médico Drauzio Varella, que tem o dom raro da comunicação lúcida e direta, lembrou certa vez na TV que 99% da nossa carga genética é exatamente igual à dos macacos. Isto é, mísero 1% faz todo, esse estrago... Ou, na frase de Hamlet, assim a consciência – principal produto daquele 1% – faz covardes de todos nós. Há quem defenda a “inteligência” dos macacos, como a de golfinhos e outros mamíferos. Eu diria que, de certa forma, eles são mais inteligentes do que os humanos. Afinal, até agora não se viram macacos organizando “cimeiras”, desenvolvendo robôs que dançam tão desengonçadamente quanto seus criadores, atirando um no outro por causa de camisetas de futebol, lendo horóscopo de manhã e vendo telenovelas à noite. Em compensação, macacos não participam de vibrantes polêmicas como Ana Paula Arósio vs. Luana Piovani, não sentem saudades do tempo em que carros não existiam e não preparam bananas flambadas com sorvetes de creme. Podemos ser covardes, mas também podemos nos divertir. (...)

(Daniel Piza – *Gazeta Mercantil* – 02/07/1999)

16. Os elementos coesivos “Afinal,” (l.8) e “Em compensação,” (l. 11/12) introduzem períodos que se relacionam à afirmação:

“Eu diria que, de certa forma, eles são mais inteligentes do que os humanos.” (l. 7/8). Com o uso de tais elementos, o articulista pretende, respectivamente:

- (A) negar o que havia dito e enumerar vantagens de ser humano;  
(B) ratificar as palavras de Hamlet e refutar as declarações de Drauzio Varella;  
(C) ilustrar a “superioridade” dos macacos e reconhecer “vantagens” da consciência humana;  
(D) esclarecer a finalidade do artigo e introduzir argumentos a favor dos macacos;  
(E) contraditar as palavras do médico Drauzio Varella e construir tese totalmente oposta à de Hamlet.

17. De acordo com os argumentos utilizados pelo autor, os macacos seriam, “de certa forma”, mais inteligentes porque os humanos, entre outras atitudes, são capazes de:

- (A) praticar atos contra seus semelhantes;
- (B) menosprezar problemas graves para a sociedade;
- (C) criticar a atitude de outros humanos na sociedade;
- (D) divertir-se com a “inteligência” dos macacos;
- (E) criar horóscopos de absoluta credibilidade e novelas de cunho edificante.

18. Em: “... assim a consciência (...) **faz covardes de todos nós.**” (l. 4/5), a parte destacada tem seu sentido ALTERADO quando substituída por:

- (A) toma todos nós covardes;
- (B) faz com que tornemos todos covardes;
- (C) faz com que todos nos acovardemos;
- (D) faz com que todos sejamos covardes;
- (E) transforma todos nós em covardes.

#### Texto V

### ANTES DO NOME

- Não me importa a palavra, esta corriqueira.  
Quero é o esplêndido caos de onde emerge a sintaxe,  
os sítios escuros onde nasce o “de”, o “aliás”,  
o “o”, o “porém” e o “que”, esta incompreensível  
05 muleta que me apóia.  
Quem entender a linguagem entende Deus  
cujo Filho é Verbo. Morre quem entender.  
A palavra é disfarce de uma coisa mais grave, surda-muda,  
foi inventada para ser calada.  
10 Em momentos de graça, infreqüentíssimos,  
se poderá apanhá-la: um peixe vivo com a mão.  
Puro susto e terror.

(Adélia Prado – Baqagem)

19. “Não me importa a palavra, esta corriqueira.” (v. 1) No contexto do poema, **corriqueira** pode ser entendida como:

- (A) fugaz;
- (B) ligeira;
- (C) fugidia;
- (D) trivial;
- (E) veloz.

20. No textoV, a presença da seguinte função da linguagem centrada na 1ª pessoa:

- (A) emotiva;
- (B) conativa;
- (C) metalingüística;
- (D) fática;
- (E) referencial.